

**REFLEXÕES SOBRE A REPRESENTAÇÃO DE GÊNERO
NO CONTO “IMITAÇÃO DA ROSA” DE CLARICE LISPECTOR
E “UMA CARTA” DE MACHADO DE ASSIS**

Lorena da Fonseca Cavoli (UEMG)

lorennafcavoli@gmail.com

Lídia Maria Nazaré Alves (UEMG)

lidianazare@hotmail.com

RESUMO

Este artigo está desenvolvido em torno da temática análise e crítica literária, proposto pelo II Congresso Internacional de Linguística e Filologia e o XX Congresso Nacional de Linguística e Filologia, na Universidade Veiga de Almeida. O referido vincula-se ao projeto de pesquisa intitulado “Literatura, gênero e expressão da alteridade”, desenvolvido no ano de 2014 na UEMG (Unidade de Carangola), sob a orientação da professora Dra. Lídia Maria Nazaré Alves e coordenação do professor Msc. Alexandre H. C. Bittencourt. Agência de financiamento: PAPq. Afunilou-se o tema no título “Reflexões sobre a representação de gênero no conto “Imitação da rosa” de Clarice Lispector e “Uma carta” de Machado de Assis”. As discussões que envolvem o título têm ocupado um espaço bastante relevante no meio acadêmico. A partir da década de 60 e 70, surge a necessidade de se trabalhar com o gênero e a alteridade. É nesse contexto então, que a mulher, tomada como o “outro”, em relação ao homem, passa a atrair para si o interesse em modificar os mecanismos construídos pela sociedade, que lhes impõem um modo de ser, seja na sociedade ou na literatura que a representa. Tendo em vista o título anunciado, objetivou-se verificar se se é possível tematizar o universo feminino sem reproduzir práticas discursivas de gênero. A investigação para tal questão está ancorada em quatro proposições de Tereza de Lauretis (1994). O objeto de pesquisa é o texto “A imitação da rosa” de Clarice Lispector e “Uma carta” de Machado de Assis. Concluiu-se que tanto a escritora Clarice Lispector quanto o escritor Machado de Assis colocam mecanismos sociais de construção de gênero em questionamento, ou seja, não os reproduzem. A primeira de maneira mais velada, dada a complexidade de sua escrita que caminha do sentido para o não sentido; o segundo de maneira mais explícita, posto que irônica.

Palavras-chave:

Gênero. Construção. Machado de Assis. Clarice Lispector. Literatura.

1. Introdução

Este artigo está vinculado ao projeto de pesquisa intitulado “Literatura, gênero e expressão da alteridade”. As discussões que envolvem o tema em questão têm ocupado um espaço bastante relevante no meio acadêmico. A partir da década de 60 e 70, surge a necessidade de se trabalhar com a questão do gênero e da alteridade. É nesse contexto então, que a mulher, tomada como o “outro”, em relação ao homem, passa a

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

atrair para si o interesse em modificar os mecanismos construídos pela sociedade, que lhes impõem um modo de ser, seja na sociedade ou na literatura que a representa.

Assim para que as ideologias do tema sejam bem entendidas expor-se-á os conceitos das partes que o integram. O termo literatura está aqui empregado à luz de Terry Eagleton (1987) que, na esteira de Roman Jakobson, afirma representar uma ‘violência organizada contra a fala comum’. Partindo de tal conceito, Terry Eagleton diz que a literatura “transforma e intensifica a linguagem comum, afastando-a sistematicamente da fala cotidiana” (EAGLETON, 1987, p. 3) e, continuando, diz ainda que “o discurso literário torna estranha, aliena a fala comum; ao fazê-lo, porém, paradoxalmente nos leva a vivenciar a experiência de maneira íntima mais intensa”. (EAGLETON, 1987, p. 5)

O termo gênero está aqui entendido na esteira da crítica feminista tradicional e moderna. De acordo com aquela, o gênero consiste na “diferença sexual” (LAURETIS, 1994, p. 206) e, de acordo com esta, ele é mais abrangente, menos preso à diferença sexual e mais voltado para uma representação resultante de diferentes tecnologias sociais, ou seja, “o gênero representa não um indivíduo e sim uma relação social; em outras palavras, representa um indivíduo por meio de uma classe”. (LAURETIS, 1994, p. 21)

O termo alteridade está aqui entendido também como uma relação entre dois ou mais sujeitos, onde nem todos têm direito à voz e à vez. Observa-se que existe uma relação estreita entre o conceito tradicional e moderno de gênero com o conceito de alteridade.

O gênero tradicional considera a relação masculino/feminino, sendo que os estudos da crítica levam a entender estar o feminino em posição desfavorável com relação ao masculino. O gênero moderno considera a relação de diferença entre Mulher/mulheres, por exemplo. Nesse binômio o segundo grupo, menos possível de assimilar as representações discursivas a que estão submetidas socialmente, seriam a alteridade negada.

Tendo em vista a temática do projeto “Literatura, gênero e expressão da alteridade” e o título deste artigo “Reflexões sobre a representação de gênero na obra de Clarice Lispector e Machado de Assis”, elaborou-se a seguinte situação-problema: É possível tematizar o universo feminino sem que se reproduza práticas discursivas de gênero? Que autor oferece maiores benefícios com relação ao reconhecimento da existência do sis-

tema de representação do gênero, sem correr o risco de confirmá-lo? Clarice Lispector ou Machado de Assis? Para responder tal questão, elaborou-se quatro hipóteses relacionadas à quatro proposições de Tereza de Lauretis (1994, p. 209), a saber:

(1)- Gênero é (uma) representação- o que não significa que não tenha implicações concretas ou reais, tanto sociais quanto subjetiva, na vida material das pessoas.

(2)- A representação do gênero é a sua construção – e num sentido mais comum pode-se dizer que toda a arte e a cultura erudita ocidental são um registro da história dessa construção.

(3)- A construção do gênero vem se efetuando hoje no mesmo ritmo de tempos passados, como na era vitoriana, por exemplo. E ela continua a ocorrer não só onde se espera que aconteça – na mídia, nas escolas, nos tribunais, na família nuclear, extensa ou monoparental – em resumo, naquilo que Louis Althusser denominou “aparelho ideológico de Estado”. A construção do gênero também se faz, embora de forma menos óbvia, na academia, na comunidade intelectual, nas práticas artísticas de vanguarda, nas teorias radicais, e até mesmo, de forma bastante marcada, no feminismo.

(4)- Paradoxalmente, portanto, a construção do gênero também se faz por meio de sua desconstrução, quer dizer, em qualquer discurso, feminista ou não, que veja o gênero como apenas uma representação ideológica falsa. O gênero, como o real, é não apenas o efeito da representação, mas também o seu excesso aquilo que permaneceu fora do discurso como um trauma em potencial que, se/quando não contida pode romper ou desestabilizar qualquer representação.

Objetiva-se com este artigo verificar se há possibilidade de se abordar a temática sobre o gênero sem que se construa novo espaço gerado e verificar qual autor oferece maiores benefícios no tratamento deste assunto, se Machado de Assis ou se Clarice Lispector.

Este artigo justifica-se, no âmbito das letras, em virtude do manuseio diário de obras literárias e da necessidade de certo conhecimento sobre o assunto, a fim de se orientar as leituras dos alunos em sala de aula. No âmbito social, ele é igualmente pertinente, porque a literatura, como meio de representação que é, pode tanto desconstruir, quanto construir e/ou também negociar relações de gênero.

2. Estereótipo e sistema de gênero

Ao começar seu texto sobre “As concepções de masculino e feminino”, Ligia Amâncio (1994) apresenta um conceito de estereótipo à luz de Walter Lippmann. Ela o faz por acreditar que as concepções de femi-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

nino e masculino têm como origem o estereótipo e também por concordar com o autor em questão. Para ele a formação dos estereótipos é vista “como resultante do sistema de valores dos indivíduos”, e objetiva oferecer-lhes “orientação” e “adaptação”. Com efeito, Ligia Amâncio é taxativa ao afirmar que para o autor os estereótipos constituíam “generalizações falsas e perigosas”. (AMÂNCIO, 1994, p. 35)

A questão da generalização é subjetiva e, portanto, problemática. Nenhum sistema consegue dar conta de uma coletividade inteira com limitados estereótipos. É que eles são, também, montados, até o presente, de acordo com a matriz cultural ibérica e norte americana. O fato de Ligia Amâncio colocar em pauta o estereótipo como um sistema de valores do qual se origina o masculino e o feminino é muito produtivo.

Outros críticos também o fizeram, como Simone de Beauvoir (1944), por exemplo, para quem ser mulher e ser homem é o resultado de uma construção social. Para Simone de Beauvoir o "ser mulher" é algo construído historicamente e socialmente, tanto quanto a submissão dela em relação ao sexo masculino.

Em seus estudos sobre a mulher Simone de Beauvoir desconstrói a tese do “instinto biológico feminino”, que considera não um desígnio natural invariável e sim uma condição culturalmente construída pela sociedade. Simone de Beauvoir rejeita a ideia de que foi a "natureza inferior" da mulher que determinou a sua condição de segundo sexo, mas sim sua invisibilidade histórica. Iniciando seus estudos com a seguinte reflexão: “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher” faz ver que quem impõe o que é ser uma mulher é a própria sociedade, “que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino”. (BEAUVOIR, 1980, p. 9)

Simone de Beauvoir fala diversas vezes em sua obra de uma suposta “vocação” construída pela sociedade, para que pareçam natural as condições destinadas à mulher, já que não importa se sendo mãe, esposa, ou moça, a mulher sempre se definiu por sua função e submissão em relação ao homem. Em seus estudos, fala que a maternidade é a vocação “natural” da mulher, é pela maternidade que ela se realiza fisicamente, psicologicamente e socialmente, portanto, não caberia à mulher a opção da maternidade, uma vez que fosse esse seu destino, ela estaria infringindo as leis naturais, a religião, e os valores da família, sendo hostilizada. “Tornando-se mãe por sua vez, a mulher toma, de certo modo, o lugar

daquela que a engendrou; isso representa para ela uma emancipação total”. (BEAUVOIR, 1980, p. 260)

A emancipação citada acima se refere às expectativas do marido e da sociedade, uma vez que, a mulher modela seus objetivos de acordo com os planos do marido, ela atribui aos filhos a devoção, ou a falta dela, dependendo do que o marido espera dele. “A mulher tem necessidade de um apoio masculino para aceitar suas novas responsabilidades; ela só se devotará alegremente ao recém-nascido se o homem se devotar a ela” (BEAUVOIR, 1980, p. 261). Contudo, desde menina, a mulher cria uma dependência do sexo masculino. Dependência essa criada por discursos que foram instituídos de forma não natural. A mulher está sempre ligada à casa, ao marido, aos filhos e à família em geral, pois é o que a sociedade lhe impõe, é essa sua função social.

3. Gênero e sociedade

Ao longo do estudo desenvolvido por Ligia Amâncio, ela vai concluindo a existência de diferentes formas sociais de construção do masculino e feminino. A pessoa do sexo masculino, por exemplo, “apresenta uma diversidade de competências que a constitui em referente universal, em ideal de individualidade, aparentemente liberta dos contextos” (AMÂNCIO, 1994, p. 87). A pessoa do sexo feminino se constitui como “referente exclusivo das próprias mulheres, como ideal coletivo dessa categoria, e só tem sentido dentro das fronteiras contextuais em que é definida” (*Idem, ibidem*). Segundo ela são os traços do estereótipo feminino uma teoria implícita “normativa” e “instrumental”. Contrariamente aos traços do estereótipo masculino que “não constituem uma estrutura significante de orientações comportamentais, como distingue os indivíduos mais pelo grau de autonomia que manifestam nas suas ações do que pela sua categoria de pertença”. (*Idem, ibidem*)

Vê-se, então, que a relação estereótipo, gênero deve ser pesquisada e estudada com bastante critério. Alguns poderiam objetar dizendo que tal sistema apresenta fortes pontos benéficos aos gêneros, pois lhes oferece pertencimento. De fato, só que existe assimetria no sistema e esta é cruel para o feminino. Se o feminino deseja se vê como tal, deverá colocar-se sempre em posição de vigia de si mesmo

Assim, nos estudos realizados por Gayatri Spivak (1994), ela fala de sua preocupação dentro das questões da austeridade e da apropriação

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

das histórias alternativas por grupos hegemônicos, tendo as categorias de gênero, raça, etnia e classe como ferramentas para fazer estruturar essas histórias alternativas.

Neste sentido concluímos que as histórias alternativas são negociadas para favorecer a sociedade dominante, em seu caráter político e cultural. Aqui representado pela dominação masculina na sociedade.

Assim, surge à necessidade de refazer essas histórias, a fim de encontrar a verdadeira identidade desse grupo subalterno, até então mascarada pela elite. Aparte desta perspectiva, para Gayatri Spivak, a posição da mulher como subalterna, cujos discursos são frequentemente citados, torna-se duplamente deslocadas e obliterados, pois a construção ideológica de gênero funciona para manter dominantes nas histórias alternativas o poder masculino. A mulher subalterna na sociedade deve assumir a postura do sujeito pós-colonial, negociando com as estruturas, uma vez que “a representação do gênero é feita pela sua construção e desconstrução” social. (LAURETIS, 1987, p. 209)

4. Metodologia

Optou-se pela pesquisa do tipo explicativa de cunho bibliográfico. A pesquisa foi desenvolvida em três momentos distintos, a saber: 1º momento: Estudo dos conceitos integradores do projeto: Literatura; gênero; Alteridade; Leitura, fichamento e levantamento de perguntas do texto: Vozes que reivindicam alteridade. Ref.: SPIVAK, Gayatri. Quem reivindica alteridade? In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (Org.). Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 206-242; Leitura, fichamento e levantamento de perguntas do texto: “Submissão, reivindicação e negociação da alteridade”. Ref.: GAMBINI, Roberto. O espelho índio. São Paulo: Terceiro Nome, 2000; Leitura, fichamento e levantamento de perguntas do texto: “Raça e gênero. Ref.: STEPAN, Nancy Leys. Raça e gênero: o papel da analogia na ciência”. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (Org.). Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 206-242; RODRIGUES, Nina. Os africanos no Brasil. Brasília: UNB, 2004; Leitura, fichamento e levantamento de perguntas do texto: O segundo sexo. Ref.: BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo. v. 1 e v. 2. 9. ed. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980; BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999; RICHARD, Nelly. Mas-

culino/ Feminino: práticas de la diferencia y cultura democrática. Santiago: Francisco Zegers Editor, 1993; Aula expositiva sobre literatura e homoerotismo. Ref.: ABREU, Caio Fernando. “Aqueles dois”. In: Morangos mofados. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987; GIDDENS, Anthony. Experiências do cotidiano, relacionamentos, sexualidade. In: As transformações da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Unesp, 1993. 2º momento: Leitura de textos escritos por Machado de Assis e por Clarice Lispector, desta “A imitação da rosa” de *Laços de Família*, daquele “Uma carta”. 3º momento: Leitura e análise dos textos à luz dos conceitos e dos teóricos estudados. 4º momento: Escrita do artigo científico.

4.1. Resultado da pesquisa: representação clariciana

Grosso modo, o objetivo de Clarice Lispector em suas obras é de atingir as regiões mais profundas da mente de suas personagens, que se descobrem em um mundo absurdo, esta descoberta dá-se, normalmente, diante de um fato inusitado. Ocorrendo uma espécie de “epifania” que é o momento em que a personagem sente uma luz iluminadora de sua consciência, e que a fará despertar para a vida e situação a ela pertencente, que em outros momentos não faria diferença.

No conto “A imitação da rosa”, da obra *Laços de Família* (1960), a personagem Laura preparava-se para um jantar na casa de amigo, era a primeira vez que ela fazia isto, desde que voltara do hospital, onde fora internada, provavelmente por causa de um surto. Ela pretendia estar pronta, de banho tomado, em seu vestido marrom, a casa limpa e a empregada despachada, quando seu marido Armando chegasse. Assim, teria tempo livre para ficar à disposição dele, e ajudá-lo a arrumar-se. Laura parecia perseguir a perfeição a todo custo, vigiava-se para ser uma esposa modelo, submissa e obediente. Cansada e feliz, pois acabara de passar todas as camisas de Armando. Laura se sentou na poltrona da sala e cochilou um breve instante. Quando acordou teve a sensação de que a sala estava renovada. Admirou intensamente as rosas que comprara pela manhã, na feira. Eram perfeitas. Resolveu então mandá-las à Carlota, que iria visitar à noite. Estava decidido, mandaria as flores pela empregada. Mas logo depois Laura hesitava. Por que as rosas tão bonitas não poderia ser dela mesma? Porém, não havia, mas tempo, a empregada levou as rosas. Quando Armando chegou, Laura ainda estava na poltrona e não havia feito nada do que planejava, estava sem reação.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

A partir da leitura do conto de Clarice Lispector, observou-se que suas personagens femininas, fazem a travessia do seu “eu” social para seu “eu” natural, interior. Neste espaço de percepção ela, a personagem, realiza o encontro consigo mesma e também com os outros que lhes apresentavam como alteridade negada. Terminado o processo da travessia, a personagem retorna ao seu “eu” social só que transformada em virtude do grande encontro.

No que tange a questão da identidade, a personagem Laura é representada em quatro planos de importância sendo precedidas pelo marido Armando, cujo nome aparece na primeira linha do conto e outras três vezes antes do dela; por Carlota cujo o nome aparece três vezes no segundo parágrafo; e por João. A personagem é indicada pelo pronome pessoal reto “ela” quatro vezes antes de ser nomeada Laura.

O grupo social que a circunscreve nega-lhe a identidade o que resulta na negação da alteridade. O marido Armando impõe-lhe hábitos. Como se sabe, o hábito é o narcótico da imaginação, e isso valem tanto para ele, que não a vê como alteridade “vestido marrom, olhos marrons, cabelos marrons, e ela castanha, ela castanha” (LISPECTOR, 1960, p. 36); quanto para ela, alienada nos seus afazeres habituais. Neste aspecto Pierre Bourdieu, lança luz nesse estudo, pois para ele o “hábito é disposições mais ou menos estáveis que se situam entre o mundo das práticas socioculturais e institucionais e a atuação das pessoas”. (BOURDIEU, 1930, p. 41)

O sistema de gênero é muito repetitivo nas suas práticas discursivas e Clarice Lispector descortina tal estratégia ao criar uma personagem alienada por práticas habituais, “com seu gosto minucioso pelo metódico (...) com seu gosto pelo método, agora reassumido, planejava arrumar a casa antes que a empregada saísse de folga para que, uma vez Maria na rua, ela não precisasse fazer mais nada, senão 1°) calmamente vestir-se; 2°) esperar Armando já pronta; 3°) o terceiro o que era? pois é. Era isso mesmo o que faria”. (LISPECTOR, 1960, p. 37)

A retenção entra no rol das estratégias discursivas de gênero. Nesta a função social da mulher é ser esposa, Laura “nunca ambicionara se não ser mulher de um homem” (LISPECTOR, 1960, p. 39), e como tal agradar ao marido, ter filhos e educá-los, já que a mulher. No que tange a tal função Clarice Lispector desconstrói todo alicerce de tal sistema. Laura não tem filhos, não é vista pelo marido, não apresenta beleza, não é jovem e, além disso, não é religiosa. Quanto à inteligência o que o faz o

faz com “ardor de burra” (*Idem, ibidem*). Quanto ao lugar reservado a mulher pelo sistema de gênero coube-lhe os limites da casa paterna. A personagem em questão não se sentia bem em casa, “sentou-se no sofá como se fosse uma visita bem na sua própria casa que, tão recentemente recuperada, arrumada e fria, lembrava a tranquilidade de uma casa alheia” (LISPECTOR, 1960, p. 38). Também no fragmento em questão, Clarice desconstrói todo alicerce do sistema de gênero e faz uma alusão para a intranquilidade que existe na casa de Laura quando comparada com a “tranquilidade de uma casa alheia”. As desconstruções representadas por Clarice a partir da personagem Laura podem parecer contraditórias, já que nalgum ponto do conto a personagem reflete “oh, como era bom estar de volta, realmente de volta, sorriu ela satisfeita”. Segurando o copo quase vazio, fechou os olhos com um suspiro de cansaço bom. Passara a ferro as camisas de Armando, fizera listas metódicas para o dia seguinte, calculara minuciosamente o que gastara de manhã na feira, não parara na verdade um instante sequer. Oh, como era bom estar de novo cansada. (LISPECTOR, 1960, p. 39)

Com efeito, a citação acima apresentada no tom irônico de Clarice como quem dissesse que Laura não tinha condições de reagir dada à força do hábito. No parágrafo posterior vem a crítica ferrenha da autora ao sistema que inibia a capacidade de criações originais e mais complexas. “Se uma pessoa perfeita do planeta Marte descesse e soubesse que as pessoas da terra se cansavam e envelheciam, teria pena e espanto. Sem entender jamais o que havia de bom em ser gente, em sentir-se cansado, em diariamente falir; só os iniciados compreenderiam essa nuance de vício e esse refinamento da vida”. (*Idem, ibidem*)

A palavra refinamento deve ser entendida ironicamente, ou seja, só os que estão acostumados ao sistema é que o compreende. Laura experimentou o encontro consigo mesma, “procurou um instante imitar por dentro de si as rosas” (LISPECTOR, 1960, p. 55). Tal atitude era repreendida pelos que a circunscreviam, por isso ela tentava se ajustar ao lugar, função e perfil criados pelo sistema de gênero. Mas ao ver a perfeição das rosas castrou o desejo de possuí-las; enviando-as a Carlota. Sem as rosas reais para admirar voltou-se para a beleza e luminosidade existente dentro de si “alerta e tranquila como num trem que já partira” (LISPECTOR, 1960, p. 58) Laura permanece no seu “eu” sem máscaras, diferente de outras personagens claricianas que retorna ao “eu” social.

Vê-se que Clarice Lispector consegue tematizar o universo feminino ao desconstruir as práticas discursivas de gênero, uma vez que a

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

personagem Laura exemplifica a mulher submissa ao marido e aos desígnios da sociedade, e diante dessa perspectiva acaba se perdendo dentro dela mesma. Pois a perfeição que Laura vira nas rosas lhe provocou o impulso de romper novamente com seu lado submisso e servil para se tornar independente.

4.2. Resultado da pesquisa: representação machadiana

O conto “Uma carta” de Machado de Assis, conta a história de Celestina, que ao encontrar uma carta em sua cesta de costuras cria fantasias para um suposto casamento, porém, a carta não fora destinada a ela, e sim à sua irmã bem mais jovem, deste modo, todas as fantasias criadas por Celestina são desfeitas, quando a escrava confessa o engano ocorrido.

A carta representa a realização de um sonho para Celestina. “A ideia de casar entrou na cabeça de Celestina, desde os treze anos, e ali se conservou até os trinta e sete”. A personagem em questão aparece em primeiro plano, pois todo o texto trata de suas ilusões em relação ao casamento, porém, o seu grupo social nega-lhe isso, uma vez, que não lhe atribuíram beleza, “não era bonita, mas a carta deu-lhe uma alta ideia de graça”, ou riqueza, “solteirona e pobre, não contava que ninguém se enamorasse dela”. Além, de não ser tão jovem “contava então trinta e nove anos, parece mesmo que mais um”.

Toda a expectativa criada pela personagem Celestina fora construída a partir do sistema de gênero, que impõe a mulher a vocação para o casamento, uma vez, que esta é a “guardiã do capital simbólico” (BOURDIEU, 1930). Assim, “era difícil tratar diretamente tal assunto, não estando nos seus quinze anos estouvados que tudo explicassem”. Deste modo Celestina não realiza a função social destinada à mulher, ser esposa, dona de casa, e mãe, já que, “o destino que a sociedade propõe tradicionalmente à mulher é o casamento” (BEAUVOIR, 1980, p. 165). À Celestina cabe somente os limites da casa paterna, criando fantasias como as de contos de fadas, “nada mais lindo que o vestido dela, de cetim branco, um ramalhete de flores de laranjeiras, [...], a grinalda era lindíssima [...], Celestina descobriu, no final de uma semana casada, que o marido era príncipe. Celestina “princesa”, fantasias estas que lhes foram impostas desde criança.

O narrador machadiano ridiculariza os mecanismos de construção de gênero, uma vez, que o próprio autor utiliza a linguagem forçando-a a

representar as ideologias vigentes. Deste modo, Machado de Assis nos faz ver, ainda que ironicamente, os traços impostos pelo sistema que constituem as expectativas do ser, no conto, o projeto do casamento como independência.

5. Considerações finais

Objetivou-se com este artigo verificar se há possibilidade de se abordar a temática sobre o gênero sem que se construa novo espaço genderado e verificar qual autor oferece maiores benefícios no tratamento deste assunto, se Machado de Assis ou se Clarice Lispector. Verificou-se que há possibilidade de fazê-lo, sem que se construa novo espaço genderado, tanto no texto machadiano quanto no texto clariciano. Com efeito, em Machado, ideologias de construção do feminino são desconstruídas, mas ridicularizam as leitoras, causando-lhes certo constrangimento. Isso se dá porque sua palavra é sólida em termos de significação. De forma que o seu significado acaba sendo reiterado, mesmo quando se intui, e também se lê, sua intenção de debochar de ideologias generalizadoras de construção de gênero feminino. Em Clarice o risco de se construir um novo espaço genderado é bem menor, porque ela consegue diluir, obliterar, ressignificar a palavra. Sua palavra é fluida, de forma que o significado, sempre sendo novo, não consegue ratificar e/ou reconstruir espaço genderado ao se colocar o feminino como algo a ser revisado, ressignificado, desconstruído, agenciado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMÂNCIO, Lígia. Os seres e o modo de ser. In: _____. *Masculino e feminino: a construção da diferença*. Porto: Afrontamento, 1994, p. 35-87.

ASSIS, Machado de. *Uma carta*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BÍBLIA SAGRADA. São Paulo: Paulus, 1990.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: (mitos, sonhos, costumes, formas, figuras, cores, números)*. Trad.: Vera

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

da Costa e Silva, Raul de Sá Barbosa, Angela Melim e Lúcia Melim. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

POUND, Ezra. *ABC da literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 1934.

SPIVAK, Gayatri. Quem reivindica a alteridade? In.: HOLLANDA, He-loisa Buarque (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 187 a 205.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia de gênero. In.: HOLLANDA, He-loisa Buarque de. (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 206-242.

LISPECTOR, Clarice. *Laços de família: contos*. 4. ed. Rio de Janeiro: Sabiá, 1960.